

Renata Szmidt

TROCAS DE ALMA E DE CORAÇÃO – FRONTEIRAS DE IDENTIDADE(S) NOS TEXTOS DE PAULA TAVARES E DE ANA MAFALDA LEITE

Resumo: O artigo trata da produção literária de duas poetisas da África Lusófona, Paula Tavares (Angola) e Ana Mafalda Leite (Moçambique), que, vivendo entre mundos diferentes, Portugal e Angola e Moçambique, procuram entender as realidades distintas dos dois continentes e achar entre eles o seu próprio espaço identitário. O nosso alvo é identificar quais as estratégias que usam as poetisas para encontrar este lugar e como o definem. A situação que nos interessa é esta em que o *Eu* e o *Outro* se misturam apagando fronteiras entre ambos. Os versos destas duas “feiticeiras de palavras” que propomos analisar, levam-nos às viagens imaginárias de múltiplos itinerários literários, sociais, culturais e pessoais mostrando-nos o complexo mundo africano lusófono da época pós-colonial.

Palavras chaves: identidade, *outro*, mulher, busca, fronteira

Title: Changes of Soul and Hearth – Frontiers of Identity in the Poems of Paula Tavares and Ana Mafalda Leite

Abstract: This article deals with the literary works of two women from Portuguese Africa: Paula Tavares from Angola and Ana Mafalda Leite from Mozambique, who living in different worlds, which are Portugal, Angola and Mozambique, are trying to understand the different realities of two continents, as each seeks to find her own unique dimension. Our aim is to discover the strategies these poets used to define this dimension since the situation, which interests us, is the one in which the *I* and the *Other* co-mingle as the boundaries between them are broken down. The verses of these two “enchantresses of words”, which we aim to analyse, lead us on imaginary journeys with many literary, social, cultural and personal itineraries, displaying to us the complex Portuguese African world of the post-colonial era.

Key words: identity, *other*, woman, search, frontier

*Outro não seria rigorosamente Outro:
pela comunidade da fronteira seria
[...] ainda o Mesmo*

E. Levinas

*O meu poema
sou eu branco
montado em mim-preto
a cavalgar pela vida*

A. Jacinto

É pelo confronto com o Outro [...] que nos encontramos, que passamos a conhecermo-nos a nós mesmos

J. C. Venâncio

Hoje em dia, a questão do *Outro*, fascinante desde sempre, parece interessar cada vez maior número de escritores, filósofos, antropólogos e sociólogos. Mas a definição do *Outro* começa a se tornar cada vez mais problemática, já que a visão europocêntrica do mundo, até há pouco dominante, segundo a qual era considerado *Outro* qualquer um que ficasse fora do círculo cultural europeu¹, perdeu definitivamente a sua duvidosa legitimidade.

As situações que nos interessam, são aquelas em que o *Eu* e o *Outro* se misturam apagando fronteiras entre os dois. Quais as consequências identitárias no indivíduo e quais as consequências sociais podem resultar destas misturas identitárias no mundo de hoje?

Na introdução a *Os dilemas do multiculturalismo*, Wojciech Kolaga (2004: 5) constata que estas perguntas acerca da identidade constituem actualmente o problema fundamental dos estudiosos das ciências humanas.

Nós vamos tentar procurar respostas às perguntas propostas no campo literário, nomeadamente nas obras de duas escritoras lusófonas, Paula Tavares, de Angola, e Ana Mafalda Leite, de Moçambique, tendo contudo em conta que os poemas delas não nos vão fornecer respostas fáceis nem claras. O aspecto que queremos abordar é só um dos muitos que podem ser focalizados nestas poesias ricas em sentidos, mas não será, com toda a certeza, o mais visível.

Numa das suas palestras “A fronteira da cultura” Mia Couto desbruçando-se sobre o conceito da *africanidade* (que por muitas razões acha errado) disse que o continente africano não pode ser reduzido a uma simples entidade fácil de entender. Deveria já ser óbvio que África é um continente feito de profundas diversidades e de complexas mestiçagens. O escritor explicou: “Longas e irreversíveis misturas de culturas moldaram um

¹ À respeito da percepção europeia do *outro* escreve Ryszard Kapuściński no seu último livro *Ten inny [Este Outro]* (2006: 15-31) apresentando numa forma breve a história dos encontros dos habitantes da Europa com os habitantes dos outros continentes. Kapuściński sublinha que o europeu também é um *outro* para os que ele designa com este nome e que no mundo de hoje as misturas são e vão ser cada vez mais frequentes.

mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimónios do nosso continente. Quando mencionamos essas mestiçagens falamos com algum receio como se o produto híbrido fosse qualquer coisa menos pura. Mas não existe pureza quando se fala da espécie humana. [...] não há cultura humana que não se fundamente em profundas trocas de alma”².

São estas fascinantes *trocas de alma* que propomos observar na obra de duas escolhidas poetisas da África Lusófona. Em que consistem? Como se manifestam e como influem na construção da identidade pessoal e literária? Vivendo entre mundos diferentes que são Portugal e Angola e Moçambique como constroem as suas identidades Paula Tavares e Ana Mafalda Leite? Quais estratégias usam para encontrar o seu próprio espaço identitário e para o expressar artisticamente?

Para responder a estas perguntas deixamo-nos levar por estas duas “feiticeiras de palavras” às viagens imaginárias de múltiplos itinerários literários, culturais e pessoais marcados pelo sentir intenso e profundo de quem conhece e ama as duas pátrias, a sua gente e a sua terra.

Ana Mafalda Leite nasceu em Portugal e com alguns meses foi para Moçambique (Tete-Moatize), onde viveu até aos dezanove anos. Fez parte dos estudos universitários em Maputo, na Universidade Eduardo Mondlane e é professora na Universidade de Lisboa, onde se especializou em Literaturas Africanas desenvolvendo actividade de pesquisa e de docência. É autora de inúmeros artigos e livros de ensaio, entre os quais *a Poética de José Craveirinha* (1990), *Oralidades & Escritas nas Literaturas Africanas* (1998) e *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais* (2003). Como poeta publicou *Em Sombra Acesa* (1984), *Canções de Alba* (1989), *Mariscando Luas* (em colaboração com o pintor Roberto Chichorro e com o poeta Luís Carlos Patraquim, 1992), *Rosas da China* (1999), *Passaporte do Coração* (2002) e *Livro das Encantações* (2005).

Ana Paula Tavares nasceu na Huíla, Sul de Angola, em 1952. É historiadora com o grau de Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Publicou quatro livros de poesia *Ritos de Passagem* (1985), *o Lago da Lua* (1999), *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos* (2001) e *Ex-Votos* (2003). Escreveu também dois livros de crónicas, *o Sangue da Buganvília* (1998) e *a Cabeça de Salomé* (2004). Actualmente vive e trabalha em Lisboa.

A obra de Ana Mafalda Leite não tem ainda grande bibliografia crítica. A de Paula Tavares já é, porém, significativa e contém trabalhos p.ex., de Laura Padilha (2002), Inocência Mata (1994), Maria Nazareth Fonseca (2004) ou Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho (1999, 2000). Estas estudiosas analisam sobretudo a nova linguagem poética introduzida por Paula Tavares para exprimir duma maneira inovadora o erotismo e a sensibilidade femininos. O nosso trabalho tem uma outra linha de leitura: achamos que os versos de duas poetisas nos deixam ouvir a voz no feminino sobre importantes questões sociais, como p.ex. a condição da mulher em Angola e Moçambique, a situação dos países africanos no período de pós-guerra, a identidade nas sociedades africanas de hoje. Vale a pena,

² Texto apresentado por Mía Couto na AMECON – Associação Moçambicana de Economistas: (30.09.2003) http://www.macua.org/miacouto/Mia_Couto_Amecon2003.htm, consultado no dia 15 de Outubro de 2006. De maneira ligeiramente mudada o mesmo texto pode ser encontrado em M. Couto 2005: 9-22.

portanto, estudá-los não só do ponto de vista literário mas justamente sob o ângulo sociológico. Inocência Mata reparou que a literatura angolana (bem como moçambicana) “tem um lugar sociológico que ultrapassa a mera condição estética” (2001: 9).

Shirlei Campos Victorino afirmou que a poesia de Paula Tavares é “uma nova bandeira a se mostrar viva, participante, porta-voz de uma outra consciência sócio-histórica” (2001: 228). Estamos, então, perante uma poesia importante do ponto de vista social, pois a capacidade do indivíduo de definir a sua identidade determina o seu modo de estar nas novas sociedades pós-coloniais.

Concordamos com Katarzyna Rosner (2006: 7) quando ela afirma que a identidade não é algo dado nem oferecido ao indivíduo, mas, antes pelo contrário, exige dele um esforço para se autodefinir sendo este processo de autodefinição um processo que se desenvolve no tempo e, portanto, nunca é definitivamente concluído. Dado que neste artigo vamos tratar de poetisas cabe mencionar que hoje em dia o feminismo defende que a noção da identidade não pode ser entendida apenas como um objectivo a atingir, mas antes como um processo de auto-consciência.

Na moderna reflexão filosófica sobre o homem é destacada a a sua capacidade de pensar como a característica mais importante. Para a filosofia pós-cartesiana, o ponto de partida era a constatação de que o homem é um ser pensante e é por isso que é capaz de conhecer o mundo exterior. O novo olhar sobre o ser humano proposto contemporaneamente por tais estudiosos como David Carr, Charles Taylor ou Anthony Giddens também dá importância a esta capacidade de pensar e reflectir do ser humano, mas concentra-se, sobretudo, no facto de ela servir para o homem se poder compreender a si próprio e adquirir auto-consciência. Aachamos também, de acordo com Taylor (1997: 12) e ao contrário de Heidegger, que este processo da aquisição de auto-consciência é, em grande parte, condicionado pela influência que a sociedade e a cultura têm sobre o indivíduo.

Estamos conscientes de que, mesmo na época dos estudos pós-coloniais que permitem um olhar interdisciplinar, os estudos literários e os estudos na área da filosofia ou das ciências sociais usam metodologias diferentes. Mesmo assim, “os estudos teóricos do pós-colonialismo tentam enquadrar as condições de produção e os contextos socio-culturais em que se desenvolvem as novas literaturas” (Leite 2003: 13). Por isso, usando neste artigo os termos como *diferença*, *hibridação* e *identidade* pensamos que nos achamos na fronteira entre várias áreas do saber.

Estudando estas poesias ficamos, portanto, entre várias disciplinas, mas para as poetisas em questão a palavra *entre* tem uma importância ainda mais relevante e, por assim dizer, existencial: ficam entre dois continentes não só fisicamente, tendo vivências compartilhadas entre culturas diferentes, mas também através de uma escrita composta por elementos provenientes dessas realidades distintas. As palavras de Francisco Soares sobre o verso da Paula Tavares, considerando que “se reinsere clara e assumidamente na linha de cruzamento dos discursos «ocidentais» com os africanos” (2001: 250) podem igualmente ser aplicadas aos versos de Ana Mafalda Leite; o mesmo acontecendo com Laura Padilha “os dois universos linguísticos [...] vão se amalgamando [...] as sonoridades, o plano associativo, as expressões vão modificando o idioma de base (o português) e os poemas atingem assim uma outra fronteira onde as culturas se entrecruzam e suplementam” (2000: 298).

Por causa destes cruzamentos não é de estranhar que encontremos nos poemas de Paula Tavares espelhos, nos quais se olham os antepassados, mesmo sabendo que o espelho é um objecto levado à África por europeus. Não é estranho que os poemas organizados em versos escritos (sendo a escrita, em grande parte, um contributo europeu) estejam precedidos de provérbios enraizados na tradição oral. As noivas angolanas, nos versos da poetisa, têm vestidos brancos característicos para as bodas europeias, mas as fórmulas mágicas que pronunciam antes de casar vêm das tradições locais.

Ambas as poetisas escrevem em português, mas introduzem muitas palavras africanas mudando a sonoridade da língua. Assim, o português modificado facilita também aos leitores sentir o ambiente diferente, “esse não sei quê especial” (Couto 2005: 10) da escrita e das realidades apresentadas. Realidades que rodeiam ambas as poetisas desde que nasceram.

Paula Tavares, na conversa com Michel Laban, falando da sua infância conta: “vivi [...] no limite entre duas sociedades completamente distintas e talvez não tenha conseguido compreender nenhuma das duas. Por isso tentei reflectir e escrever sobre partes de uma e partes de outra que me marcaram fundamentalmente” (Laban 1999: 849). Voltando ao tema da sua infância durante a entrevista, que a poetisa teve a gentileza de nos dar este ano em Lisboa, ela falou da vida entre as duas sociedades, portuguesa e a dos pastores do sul de Angola, e confessou: “em momentos da minha adolescência e da minha juventude não foi fácil de ver de que lado estava a questão identitária e foi preciso muito trabalho para encontrar um lugar sem rejeitar o património das duas sociedades”³. Paula Tavares foi educada numa família portuguesa que vivia em Angola, de modo que o saber e as normas de comportamento transmitidos seguiam o padrão europeu, mas a poetisa tinha contacto com os africanos da sociedade tradicional, ouvia as pessoas falar e contar histórias que transmitiam saber muito diferente daquele adquirido em casa. Eram saberes das duas sociedades que apesar de viver no mesmo espaço não se contactavam. A poetisa decidiu tentar achar o espaço comum, um lugar dum encontro possível, estudando história, costumes e tradições angolanas.

Paula Tavares admite estar consciente de que às vezes, ao leitor que não tem conhecimentos profundos nestas áreas, os seus poemas podem parecer difíceis de compreender. Para dar um exemplo, nos seus versos aparece com frequência a figura do boi: no poema *Rapariga* o sujeito lírico confessa amargamente: “Cresce comigo o boi com que me vão trocar” (1986: 27), no poema *As Viúvas*, a voz lírica falando das mulheres dos *sonhos perdidos* do tempo da guerra diz: “Devorei a carne do boi do fogo / tudo até ao fim e o coração / [...] Aqui a fome é tanta / que as mulheres devoraram a carne dos bois dos homens” (2001: 34-35), na introdução ao mesmo livro de poesias, *Dizes-me coisas amargas como frutos*, a poetisa suplica: “Boi, boi, / Boi verdadeiro, / guia a minha voz / entre o som e o silêncio” (2001: 8). Só quando nos dermos conta da importância do boi na vida dos pastores do sul de Angola é que poderemos compreender porque é que ele aparece como um elemento constante na poesia de Paula Tavares. O boi é o animal mais precioso, é ele que fecunda as vacas (normalmente come-se só a carne das vacas porque são muitas e o boi muitas vezes é único). É interessante reparar no facto de que

³ Entrevista gravada em Lisboa, no dia 17 de Julho de 2006.

o boi é considerado mais importante de que as mulheres, estas podem ser trocadas, lobiladadas, rejeitadas. O boi é um animal sagrado e, muitas vezes, imolado em sacrifício. Pode surgir como símbolo do fogo genesiaco, do fogo sacrificial do qual nasce a vida, a vida nova. Só quando conhecermos os ritos complexos, costumes e cerimónias deste povo é que vamos perceber os versos enigmáticos de Paula Tavares. Vamos compreender porque os versos da poeta estão povoados por mulheres que pintam os corpos, preparam feitiços, missangas e ceras, que têm conversas misteriosas com as mães e que, às vezes, têm coragem para se revoltar. A poesia de Paula Tavares nasce dum mundo muito concreto, palpável e real. Também Laura Padilha sublinha a importância de conhecer a realidade que nos mostram os textos de Paula Tavares: “mitos e ritos ancestrais; a força da sabedoria; a noção da circularidade cíclica do tempo; a magia da terra; a dimensão cosmogónica da palavra” (2000: 294).

Ana Mafalda Leite diz que constrói o seu mundo poético duma maneira muito diferente e baseia-se “em imaginários interiores e paisagens fragmentárias” (2002: 7). A sua escrita são “duas memórias que transponho nos poemas, a real e a outra inventada pelas imagens do coração.[...] conjugo-me por herança múltipla e intemporal [...] pela memória do sonho e pela imaginação.” (2002: 9) Assim, para Ana Mafalda Leite um elemento importante para a criação poética é por um lado, a imaginação livre e o sentir intenso, e por outro, a memória que constitui um elemento básico para a construção da identidade própria.

Na introdução ao seu livro de poesias *Passaporte do Coração*, Ana Mafalda Leite diz: “caminho entre dois países e duas literaturas, caminho criativamente entre eles [...] Sinto-me em casa nas duas pátrias [...]. Sou dessa ambivalência ao nascer-me nela, a criação de um lugar de travessia e de tapeçaria cultural” (2002: 7). É curioso ver como a poeta compara o processo da escrita com a viagem, palavra que funciona aqui no seu sentido literal: distância física que percorre entre Portugal e Moçambique e no sentido simbólico: uma viagem entre duas literaturas, entre dois imaginários literários e entre duas visões distintas do mundo.

Num belo texto poético dedicado a Ungulani Ba Ka Khosa, intitulado *Tenho o nome de um barco* a autora retoma o tema da viagem e diz:

ana mafalda um barco do império em travessia entre dois oceanos me fez nascer. Foi esse o nome que me deram ao levar-me transplantada de um hemisfério para o outro. nasci entre fronteiras líquidas entre ondas inventei um berço. [...] levaram-me menina e moça para o índico oriente em que uma vez mais voltei a nascer. [...] e nesse aí aqui, [...] foi onde acostou o meu barco. [...] e olhando vejo que sou eu (2005: 36-37).

Vale a pena focalizar a comparação que a poetisa faz entre o seu nome e o barco que atravessa os mares e une dois países. O barco pode ser lido como uma metáfora de tudo isso que possibilita o encontro dos mundos distantes e distintos. Graças a este elemento de união as fronteiras perdem a sua característica demarcatória e tornam-se líquidas. A mesma imagem reaparece num poema *Fronteira líquida*, onde a voz lírica confessa: “acredito [...] nesse entrecruzar de linhas / pela palma da mão / paralelas duas vidas / me dão / talvez porque numa a outra / ilumine em meu rosto / a fronteira líquida de dois

mares” (2005: 15-16). Merece atenção também o facto de que o elemento simbolizante da água faz apelo à navegação da escrita. Como as águas preenchem o espaço entre dois continentes e unem-nos, a escrita também tem a capacidade de juntar e de pôr em paralelo as distintas vivências do sujeito lírico.

É importante frisar, neste momento, que as paisagens pintadas nos versos por Ana Mafalda remetem-nos para as imagens típicas para a literatura moçambicana. No ensaio *Poéticas do Imaginário Elemental na Poesia Moçambicana*, Ana Mafalde Leite observa, enquanto crítica, que desde os primórdios, a poesia deste país está rica em referências ao Mar Índico (2003: 153). Como já vimos, os seus próprios poemas também. Olhemos ainda para outro verso da poetisa para ver com que frequência voltam as mesmas imagens na sua obra poética: “o mar anoitece a sul/ índico/ indigo/ por dentro” (2002: 103). Mas não é o mar a única imagem típica da literatura moçambicana. Falando da literatura pós-colonial, a pesquisadora chama a nossa atenção para o facto de ela juntar “dualidades elementais simbólicas como terra / mar, equivalente a pátria / oriente, ocidente; ou [...] terra /ar, pressupondo pátria / universalidade, liberdade”(2003: 155).

Eduardo White convidava aves a voarem nos seus poemas. Ana Mafalda considera-as o símbolo da “desmaterialização e libertação da alma, o sonho e o espírito, transcendência da condição humana, viagem onírica do voo” (2002: 158). Num dos seus poemas a poetisa confessa: “tenho asas e vou sem rumo” (2002: 45). Num outro poema dedicado aos dois irmãos Zé e Manuel a poetisa escreve: “onde vais tão leve? [...] os olhos redondos seguem o voo dos pássaros nos ramos” (2005: 19). Mais do que a análise destes exemplos dos elementos típicos da literatura moçambicana, que aparecem nos versos da poetisa, importa a conclusão de que as dualidades simbólicas e poéticas mencionadas configuram a abertura dialogal entre várias culturas. Os escritos teóricos de Ana Mafalda Leite, tentando explicar-nos o imaginário da literatura moçambicana, constituem uma iniciação a este mundo que ignoramos e que não sabemos ler com o nosso olhar europeu.

Também o título de poemas *Ritos de passagem* (1985) de Ana Paula Tavares nos faz pensar sobre os rituais de iniciação africanos. Além de ser iniciação poética de Paula Tavares, a colectânea é também uma iniciação ao mundo das tradições e costumes do Sul de Angola. A poetisa afirma que a poesia é para ela um tipo de *abre-Sezam*, um meio graças ao qual ela pode penetrar no mundo das mulheres angolanas, no mundo das suas vivências diferentes das dela.

Van Gennep disse que grande maioria dos rituais apresenta três fases essenciais: a separação (fase pré-liminar), a margem (fase liminar) e a agregação (fase pós-liminar). O livro de Paula Tavares também é constituído por três partes. A autora admite que esta divisão corresponde de facto às ideias de Van Gennep, mas ela própria situa-se na margem, não adquiriu a totalidade de conhecimento e mesmo não o pretende. O que lhe interessa é ficar na margem, nesta fase liminar que é marcada pela constante procura das respostas, sem ambição, contudo, de as dar ou de as receber.

Segundo Michel Meslin o termo *rito* provém do sanscrito *rita* que designa nos Veda a participação do homem na ordem e na estrutura normal dos seres e das coisas. Por sua vez, Martine Segalen sugere que o termo revela que a sua conceptualização foi forjada no campo religioso. Paula Tavares tenta não perder de vista os dois significados

da palavra. Por um lado, a palavra rito faz alusão a um determinado momento em que criança deixa de ser criança e tem que começar a participar na vida da sociedade adulta, por outro lado, o ofício da escrita tem para a poetisa esse lado do sagrado. Paula Tavares admite que não é uma pessoa religiosa mas acredita nos mundos que nos transcendem e escrita é um deles⁴, dado que lhe permite criar um novo espaço, o seu próprio mundo, onde podem coexistir paralelamente realidades distintas.

Parece-nos, então, que podemos arriscar a tese que é no próprio acto de escrever que a poetisa encontra o seu lugar, o seu próprio espaço identitário. É interessante observar que partindo da teorização lacaniana, segundo a qual a linguagem é uma prática significativa *na e pela* qual o sujeito se transforma em ser social, a crítica feminista chegou à constatação de que a identidade feminina é construída justamente *na e pela* linguagem (Amaral/Macedo 2005: 101). Na crónica de abertura de *o sangue das buganvílias*, “Língua materna”, Paula Tavares diz: “À força de voz e no meio da língua fundamos o nosso lugar no mundo e inventamos a utopia quando a terra gela a frio intenso” (1998: 14).

Também nos versos de Ana Mafalda Leite encontramos, como já vimos à ocasião do texto dedicado a Ungulani, os traços do mesmo pensamento. Quando a voz poética diz, falando do coração, “terra de ninguém [...] / lugar onde se chega / lugar de onde se parte / coração / pátria imaginada / [...] coração [...] inventa / um lugar sem horizonte” (Leite 2002: 19), pensamos que este *lugar sem horizonte*, este lugar sem limites e sem fronteiras pode ser interpretado como o mundo da poesia. Pois “aqui a palavra é começo de mundo” (Leite 2002: 57) e é o canto que “abre o céu em dois” (Leite 2005: 39). O mundo existe porque é feito nas e pelas palavras que têm a força criadora. Numa das crónicas de Paula Tavares, intitulada *Carta para Alexandra*, podemos ler: “as nossas casas ainda existem, porque [...] as sabemos contar” (2004: 76). É a palavra que cria o espaço e preserva a memória sobre ele.

A construção da identidade própria exige justamente a busca dum lugar próprio, pois além da noção do tempo e da memória, a noção do espaço é fundamental neste contexto. Estamos de acordo com o ponto de vista de Aleksandra Kunce segundo o qual trata-se aqui sobretudo de *locum* mental (Kolaga 2004: 79).

Numa poética carta a Rui Knopfli, intitulada *Naturalidade*, com a qual a poetisa estabelece um diálogo intertextual com o escritor, Ana Mafalda Leite diz:

Eu, meu caro Rui Knopfli, eu caso-me [...] às luas dos dois hemisférios. [...] chamem-me europeia ou africana, que fazer senão calar? Meus versos livres, livres xingombelas, livres pomos, voam sem chão, neste chão que trago por dentro da casa móvel que me atravessa o sonho [...] que pátria a de um poeta senão uma língua bífida e em fogo [...] há no entanto uma terra e uma pátria em que eu pouso devagar, me reconheço e desconheço [...] a língua de amorosos sabores, de vibrados ritmos, é a tua pátria de versos ó Rui [...] Acredita, a terra-mar que em nossas línguas caminha é naturalidade obscena, pátria dividida [...], nascimento incestuoso de múltiplas mães [...] pátria minha, passaporte, naturalidade, só uma, a poesia” (2005: 14-15).

⁴ Entrevista gravada em Lisboa, no dia 17 de Julho, 2006.

Ana Mafalda encontra o seu *locum* independentemente das coordenâncias geográficas, encontra-o na língua que é a sua casa e a sua pátria.

As duas poetisas em questão parecem não ter problemas com as suas identidades, definem-nas na fronteira entre cada um dos dois mundos que constituem uma parte das suas vivências e sensibilidades artísticas. Não rejeitam nenhum deles, estudam-nos, tentam conhecer e compreender as suas realidades, guardar memórias, encontrar lugar próprio. Neste contexto, a criação literária de Ana Mafalda Leite e de Paula Tavares pode ser entendida e interpretada também como um diálogo muito pessoal entre duas culturas.

Este tipo de diálogo, que possibilita o encontro entre o *Eu* e o *Outro*, interessava os grandes filósofos: Emmanuel Levinas e Józef Tischner, que, nos seus escritos, falaram da perspectiva, da consciência e da abertura dialogais. O diálogo, e portanto o encontro, possibilita primeiro a compreensão do *Outro*, para depois facilitar a aproximação e, finalmente, conduzir ao conhecimento do –até então misterioso– *Outro*. A condição a cumprir para o diálogo ser possível é a vontade de conhecer, de entender e de entrar em contacto com o *Outro*. Desenvolvendo a sua filosofia ética, Levinas postulava responsabilidade por este *Outro*, comportamento que os europeus poucas vezes manifestaram nos seus contactos com habitantes dos outros continentes.

Ana Mafalda Leite e Paula Tavares através dos seus poemas estabelecem um verdadeiro e profundo diálogo com o *Outro* que radica em tudo aquilo que ainda não conhecem nas suas duas culturas mas que pretendem conhecer. E esta aquisição do conhecimento é um processo sobretudo intelectual.

Para finalizar as nossas reflexões sobre os estados de alma, sobre estas fascinantes trocas de alma e de coração, tiremos as conclusões. Como vimos, as poetisas em questão usam múltiplas estratégias para construir as suas identidades que se situam sempre num lugar indefinido *entre* – entre dois continentes, entre dois países, entre duas literaturas e seus imaginários diferenciados. As poetisas reencontram-se percorrendo complexos itinerários literários e simbólicos entre culturas diferentes que estudam profundamente e cujos elementos característicos aparecem reflectidos nas imagens poéticas criadas. Tentam compreender a realidade portuguesa e angolana ou moçambicana e valorizar cada um dos elementos que as compõem sem rejeitar partes de uma ou da outra. Criam imagens e metáforas que, através da língua, transmitem a dupla vivência dos sujeitos líricos e, neste caso, a dupla vivência das próprias autoras. As metáforas usadas como: barcos, água e passáros voando no ar, possibilitam a união entre realidades aparentemente difíceis de harmonizar. A escrita facilita e possibilita uma tal reconciliação, tornando-se, assim, um espaço do diálogo intercultural e, ao mesmo tempo, o da descoberta de identidade(s) própria(s) – identidade(s) diversificada(s).

As duas poetisas encontram-se na fronteira entre mundos diferentes e por isso os seus versos de poesia propõem-nos múltiplas viagens identitárias cheias de mistérios, encantos e perguntas. Já mencionado Mia Couto, falando do escritor africano, atribuiu-lhe uma bonita definição: “[...] um escritor é um viajante de identidades, um contrabandista de almas [...] uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade” (Couto 2005: 59). Achamos que com os seus versos Ana Mafalda Leite e Paula Tavares tentam abrir estas mágicas janelas dos seus fascinantes mundos interiores.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Ana Luísa, MACEDO, Ana Gabriela, coord. (2005) *Dicionário da crítica feminista*. Porto, Afrontamento.
- CAMPOS VICTORINO, Shirley (2001) “As vozes silenciadas: o grito poético de Paula Tavares”. Em: *Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*, coord. Jorge S.R., Alves Santos Ferreira I. M. s.l./s.e.:228.
- COUTO, Mia (2005) *Pensatempos*. Lisboa, Caminho.
- FONSECA, Maria Nazareth (2004) “Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas”. (*Literatura*) *scripta*, *Revista de Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos luso-afro-brasileiros da PUC Minas* (Universidade PUC Minas). Vol. 8, No 15: 283-295.
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard (2006) *Ten Inny*. Kraków, Znak.
- KOLAGA, Wojciech, coord. (2004) *Dylematy wielokulturowości*. Kraków, Universitas.
- LABAN, Michel (1991) *Angola. Encontro com Escritores*. II vol. Porto, Fundação Eng. António de Almeida.
- LEITE, Ana Mafalda (2002) *Passaporte do Coração*. Lisboa, Quetzal Editores.
- (2003) *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*, Lisboa, Colibri.
- (2005) *Livro das Encantações*. Lisboa, Caminho.
- LEVINAS, Emmanuel (1988) *Totalidade e infinito*, trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa, Edições 70.
- MACEDO, Ana Gabriela (2002) *Género, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo*. Lisboa, Cotovia.
- MARTINHO, Ana Maria (1999) *A mulher escritora em África e na América Latina*. Évora, NUM.
- (2000) “Escritoras africanas: permanência, descontinuidades, exílios”. *Faces de Eva* (Universidade Nova de Lisboa) No 3: 121-134.
- MATA, Inocência (1994) “As vozes femininas na literatura africana: passado e presente; representações da mulher na produção literária de mulheres”. Em: *Anais do Congresso o rosto feminino da expansão portuguesa*, Lisboa: 251-258.
- (2001) *Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*, Lisboa, Mar Além.
- PADILHA, Laura Calvacante (2000) “Paula Tavares e a sementeira das palavras”. Em: Carmo de M. Sepúlveda e M.T. Salgado *Africa & Brasil: Letras em laços*. Rio de Janeiro, Salgado, Atlântica.
- (2002) *Novos pactos, outras ficções. Ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Lisboa, Novo Imbondeiro.
- ROSNER, Katarzyna (2006) *Narracja, tożsamość, czas*. Cracóvia, Universitas.
- SOARES, Francisco (2001) *Notícia da Literatura Angolana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TAVARES, Ana Paula (1986) *Ritos de passagem*. Luanda, União dos Escritores Angolanos.
- (1998) *O Sangue das buganvílias*. Praia, Mirandelo, Centro Cultural Português.
- (2001) *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos*. Lisboa, Caminho.
- (2004) *A cabeça de Salomé. Crónicas*. Lisboa, Caminho.

- TAYLOR, Charles (1997) *As Fontes do Eu. A Construção da Identidade Moderna*, trad. Adail U. Sobral e Dinah A. Azevedo. São Paulo, Loyola.
- VENÂNCIO, José Carlos (1992) *Literatura versus sociedade*. Lisboa, Palavra Africana.